



Potentialities of WhatsApp in a Mixed Qualitative Study on Food Practices Within a Millennial Population

María Suárez-Gómez and Rosalina Pisco Costa

EasyChair preprints are intended for rapid dissemination of research results and are integrated with the rest of EasyChair.

April 28, 2021

Potencialidades do WhatsApp num estudo qualitativo sobre hábitos alimentares na geração Millennial

María Suárez-Gómez ⁽¹⁾ <http://orcid.org/0000-0002-4806-106X> · Rosalina
Pisco Costa ⁽²⁾ <http://orcid.org/0000-0003-4549-9012>

- (1) Hospital José Joaquim Fernandes. R. Dr. António Fernando Covas Lima, 7801-849, Beja, Portugal. maria.suarez.gmez@gmail.com Corresponding author.
- (2) Universidade de Évora. Largo dos Colegiais 2, 7004-516, Évora, Portugal. rosalina@uevora.pt
-

Resumo: Introdução. Utilizar o WhatsApp como ferramenta metodológica nos estudos qualitativos tem implicações na recolha de dados, na qualidade do conteúdo e na análise da informação. **Objetivos.** Discutir as potencialidades da plataforma WhatsApp numa investigação qualitativa sobre práticas alimentares entre a geração Millennial na transição para a vida adulta. **Métodos.** Este estudo foi realizado em 2019, com 22 sujeitos, portugueses e espanhóis para valorizar o estudo com coleta em dois países, pertencentes à geração Millennial, recrutados por conveniência e em bola de neve, com desenho qualitativo, usando a observação dos participantes e como instrumentos um diário de alimentação, com recolha de uma fotografia da refeição correspondente ao almoço e ao jantar durante uma semana, e partilhados através da plataforma WhatsApp e uma entrevista semiestruturada elaborada ad hoc e realizada posteriormente de forma presencial para conhecer os hábitos alimentares da amostra. As entrevistas foram gravadas e transcritas, com o consentimento dos sujeitos, e a análise foi elaborada com o software NVIVO. **Resultados.** Os resultados desta experiência fizeram emergir três temas que se afiguram centrais para a problematização do recurso ao WhatsApp enquanto ferramenta de recolha de dados ao serviço da metodologia qualitativa: o compromisso gerado entre entrevistador e entrevistado através da partilha de WhatsApp; as possíveis desigualdades na recolha de informação devido ao ter ou não ter internet ou WhatsApp; e a questão ética associada com a partilha de informação pelas redes sociais. **Conclusões.** O uso de aplicações como WhatsApp exige o desenvolvimento de diretrizes e adesão a um código ético de conduta para realizar investigação qualitativa.

Palavras-chave: Millennials; Práticas Alimentares; WhatsApp; Metodologia Qualitativa.

Potentialities of WhatsApp in a mixed qualitative study on food practices within a Millennial population

Abstract. Introduction. Using WhatsApp as a methodological tool in qualitative studies has implications for data collection, content quality and information analysis. **Goals.** To discuss the potential of WhatsApp platform for a qualitative research on food practices in the Millennial generation in transition to adulthood life. **Methods.** This study was carried out in 2019, with 22 subjects belonging to the Millennial generation, from Spain and Portugal, to increase value included data for the two countries, recruited for convenience in a snowball, with qualitative design, using indirect observation of participants and as instruments a food diary with a photograph of lunch and dinner during a week, shared with the researcher by WhatsApp, and a semi-structured interview made adhoc subsequently conducted in person to know the eating habits of the sample. The interviews were recorded and transcribed, with the subjects' consent, and the analysis was done with the NVIVO software through triangulation and content analysis. **Results.** The results of this experience led to the emergence of three themes that appear to be central to the problematization of the use of WhatsApp as a data collection tool at the service of qualitative methodology: the commitment generated between the interviewer and the interviewee through sharing WhatsApp; the possible inequalities in the collection of information due to having or not having internet or WhatsApp; and the ethical issue associated with sharing information on social networks. **Conclusions.** The use of applications like WhatsApp requires the development of guidelines and an ethical code of conduct to conduct qualitative research.

Keywords: Millennials; Food Practices; WhatsApp; Qualitative Methods.

1. Introdução

A transição para a idade adulta parece ser um estágio crítico no desenvolvimento de padrões (não) saudáveis de escolha de alimentos pelos jovens (Beasley, Hackett & Maxwell, 2004). Entre muitas influências, também a família de origem parece determinar as práticas, dinâmicas e contextos de consumo de alimentos (Sogari, Vélez-Argumedo, Gómez & Mora, 2018). Quando vivem de forma independente, que pratos cozinham os jovens millennials? Incorporam alguns dos identificados como pratos tradicionais no seu dia a dia? Se sim, porque o fazem?

Este tópico é tão interessante quanto a geração millennial é apresentada como uma geração em que a tecnologia parece estar a substituir as tradições familiares, que

outrora costumavam ser passadas de geração em geração por meio de rígidas normas e valores de socialização (Haddon, 2015).

A sociologia há muito se dedica ao estudo das gerações como forma de olhar para a mudança social (Mannheim, 1952). Porém, enquanto seus pais e avós viveram todas essas mudanças como adultos, a socialização dos millennials foi mediada pela tecnologia (Zemke, Raines, & Filipczak, 2013; Mastrolia & Willits, 2013). Esta geração acusa algumas das características muitas vezes atribuídas aos “nativos digitais”, conceito criado por Prensky (2001).

Os millennials usam as novas tecnologias na vida académica, profissional e pessoal; desenvolvem tarefas diárias simultaneamente em ambientes digitais (multitarefa) (Piscitelli, 2009). e tendem a ser produtores e consumidores de conteúdo em redes sociais (Urresti, 2008).

Utilizar o WhatsApp é uma ferramenta muito utilizada nos jovens (Matto & Kazungu, 2018), pelo que vale a pena investigar o quanto esta ferramenta pode contribuir para coleta dos dados em pesquisas com público alvo de jovens.

WhatsApp é um instrumento metodológico nos estudos qualitativos tem implicações na recolha de dados, na qualidade do conteúdo e na análise da informação (Chatzitheochari, Fisher, Gilbert, et al., 2018).

WhatsApp é uma tecnologia de mensagens móvel difundida a nível mundial, que permite aos utilizadores partilhar imagens, texto, vídeos, mensagens de voz; conduzir conversas individuais ou em grupo (Kumar & Sharma, 2017).

Porque o WhatsApp se tornou um meio generalizado da comunicação (Rosenfeld et al., 2018), nos últimos anos esta plataforma tem sido utilizadas em diversos domínios que não exclusivamente na comunicação pessoa, nomeadamente na saúde, educação e em múltiplos contextos associados à pandemia por SARS-CoV-2.

A título de exemplo, no sector da saúde, o WhatsApp tem sido usado para realizar ações de apoio com profissionais, no sentido de evitar sentimentos de isolamento no doente, melhorar a comunicação interprofissional, apoiar a entrega de serviços de farmácia e reforçar programas de educação médica (Copestake et al., 2020).

Também no domínio da investigação científica, e qualitativa em particular, têm sido várias as experiências recentes de utilização de WhatsApp. O uso de discussão em grupos de WhatsApp num estudo de gestão de resíduos de 2019 em Singapura apoia esta aplicação como método de investigação qualitativa (Chen & Neo, 2019).

Outro estudo de 2019 que usou WhatsApp para realizar entrevistas remotas assinalou as dificuldades que esta metodologia enfrentou, nomeadamente as relacionadas com problemas de conexão à rede e de confidencialidade (Fardousi et al., 2019).

Em 2018, WhatsApp foi escolhido como método de recolha de dados qualitativos sobre o uso de contraceptivos em jovens de Malawi. O WhatsApp foi utilizado como ferramenta para obter informação sobre os adolescentes porque esta aplicação é popular nos jovens de Malawi (Matto & Kazungu, 2018). Assim, era oferecido aos jovens uma forma de obter informação sensível que pudesse ser mais difícil de partilhar numa entrevista presencial.

2. Objetivos

O objetivo principal deste artigo é explorar e discutir as potencialidades do WhatsApp enquanto ferramenta de recolha de dados ao serviço da metodologia qualitativa. Mais especificamente, os objetivos incluem a reflexão sobre um conjunto de desafios enfrentados pelas investigadoras na condução de uma pesquisa empírica, nomeadamente: (1) o compromisso gerado entre entrevistadora e informante através da partilha de WhatsApp; (2) a gestão das expectativas em face de um eventual digital divide entre entrevistadora e informante; e (3) a questão ética associada à partilha de informação através de redes sociais.

3. Metodologia

3.1 Desenho de investigação

Um projeto de pesquisa qualitativa a pequena escala (Descombe, 1998) foi elaborado com o objetivo de compreender os significados associados com as práticas alimentares entre os millennials quando eles deixam a família de origem para viver de forma independente. O uso de uma abordagem criativa e mista (Creswell, 2018; Kara, 2015), apoiada na combinação de dados recolhidos por meio de diários de alimentos e entrevistas semiestruturadas foi propositalmente desenhada como uma forma de chegar a um conhecimento aprofundado e a uma visão holística sobre a realidade em estudo (Mason, 2002).

O estudo foi realizado entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019. Participaram 22 indivíduos da geração millennial: cinco homens portugueses, cinco homens espanhóis, sete mulheres portuguesas e cinco mulheres espanholas. As idades situaram-se entre os 20 e os 35 anos, o que correspondeu a sujeitos nascidos entre 1983 e 1998. Todos os participantes tinham estudos diferenciados e no momento do início do estudo seis deles estavam a residir com o companheiro, três com companheiro e filhos, cinco com colegas do trabalho, um com amigos e sete viviam sozinhos.

A seleção de casos foi determinada por argumentos teóricos e não por pressupostos de natureza matemático-estatística, como acontece em estudos de orientação quantitativa (Denzin & Lincoln, 2018). Como tal, uma amostra de casos múltiplos, por contraste e profundidade (Pires, 1997), foi desenvolvida. Os critérios de inclusão para o recrutamento foram: jovens até 35 anos, portugueses e espanhóis, com elevado nível de escolaridade (licenciatura, mínimo), em transição para a vida independente e residentes em Portugal. Tanto Portugal como Espanha são bem conhecidos pela idade tardia em deixar a casa dos pais (Cinalli & Giugni, 2013), facto que justifica o limite etário considerado. Todos os sujeitos da amostra tinham acesso a internet do momento do recrutamento, mas não se perguntou previamente quantos deles tinham em propriedade rede wifi e/ou dados móveis, nem sobre qual dos dois acessos tinham preferência de uso, nem se no momento da refeição tinham acesso a um ou outro tipo de rede.

Os indivíduos foram recrutados de acordo com as redes pessoais e profissionais das duas investigadoras e, posteriormente, por meio de um procedimento de bola de neve (Creswell, 2018). Como os investigadores possuíam profissões e nacionalidades diferentes, uma delas era espanhola e a outra portuguesa, mas ambas residiam em Portugal, a rede de recrutamento de participantes foi suficientemente ampla para evitar a entropia, uma das críticas mais comuns dirigidas a este processo de recrutamento (Bryman, 2008).

3.2 Procedimentos de recolha, análise e interpretação de resultados

A recolha de dados foi desenvolvida em três fases, sequencialmente. Em primeiro lugar, os indivíduos foram convidados a participar do estudo e a preencher um diário alimentar com refeições ao longo de uma semana. Este estudo tirou partido das novas tecnologias para efeitos de recolha de dados relativos às práticas alimentares, nomeadamente da utilização de smartphones e suas aplicações, (Chatzitheochari et al., 2018; Garcia et al., 2016). Especificamente, os indivíduos foram convidados a partilhar através do telemóvel as fotografias dos seus pratos de almoço e jantar, juntamente com uma pequena descrição, e recorreram à plataforma WhatsApp para efetuar tal partilha. Deste modo, foi possível estender para o contexto da investigação científica exatamente o mesmo meio que diariamente muitas pessoas utilizam para partilhar informações, ideias e emoções (Bhatt & Arshad, 2016; DESI, 2019). Nenhum dos sujeitos da amostra questionou sobre o tempo de recolha das refeições durante uma semana, se bem notou-se um “cansaço”, manifestado por alguns dos

sujeitos a medida que passava a semana, em que o envio das imagens refeição a refeição e dia após dia tornava-se aborrecido.

Em segundo lugar, os participantes foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada realizada de forma presencial (Mason, 2002). Após um breve conjunto de perguntas visando obter dados sociodemográficos, a entrevista foi estruturada em três seções principais. Na seção um, o entrevistado foi questionado sobre a fotografia que mais se aproximava de uma refeição regular. A seção dois centrou-se nas práticas alimentares na transição para a vida adulta e nas diferenças encontradas ao comparar as suas próprias práticas alimentares antes de deixarem a casa dos pais. A terceira seção foi composta por um conjunto de questões voltadas para as práticas alimentares diárias, atuais.

As entrevistas foram realizadas em espanhol e português, gravadas digitalmente e transcritas para a língua nativa. Em todas as fases da recolha de dados, os indivíduos foram previamente informados sobre os procedimentos; a participação foi voluntária e gratuita; e o consentimento oral foi obtido. De modo transversal, as investigadoras aderiram ao código ético da Associação Sociológica Internacional (ISA, 2019) e, especificamente, ao Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia (APS, 2019).

A terceira e última fase consistiu na identificação e análise dos temas emergentes relativos ao uso do WhatsApp como ferramenta na recolha de dados na metodologia qualitativa e, em particular, neste estudo com população millennial espanhola e portuguesa em que se analisaram as práticas alimentares. Neste sentido, durante a entrevista presencial foram discutidas algumas das imagens que os sujeitos da amostra tinham enviado previamente por WhatsApp, para um análises mas aprofundado dos significados.

Sobre o uso do WhatsApp como ferramenta de recolha de dados, durante a entrevista presencial todos os entrevistados manifestaram sentir-se confortáveis com o uso da aplicação, referindo que era “familiar para eles”, pois estavam “acostumados a se comunicar diariamente com familiares e amigos através desta plataforma”, pela qual compartilhavam informação de áudio, vídeo, texto, imagem e arquivos, que a tinham descarregada nos seus smartphones, e que o uso era “simples” e “gratuito”.

Os dados foram explorados por meio de uma análise de conteúdo qualitativa, de tipo visual, para as fotografias (Rose, 2001) e textual, no caso das transcrições das entrevistas (Miles et al., 2014). A análise qualitativa foi realizada com o software NVIVO12® (QSR, International) (Bazeley & Jackson, 2013).

A codificação seguiu um procedimento misto, segundo o qual segmentos de dados, sejam de texto ou imagem, foram associados a significados vindos da literatura e outros, incluindo a categorização *in vivo* (Krippendorff, 2019). A tradução, as adaptações gramaticais e de estilo foram feitas apenas para os fins do presente artigo.

4. Resultados

Os resultados obtidos suscitam a reflexão sobre um conjunto de desafios enfrentados pelas investigadoras na condução de uma pesquisa empírica, nomeadamente: (1) o compromisso gerado entre entrevistadora e informante através da partilha de WhatsApp; (2) a gestão das expectativas em face de um eventual digital divide entre entrevistadora e informante; e (3) a questão ética associada à partilha de informação através de redes sociais.

O recurso ao WhatsApp foi bem acolhido pelos sujeitos da amostra, segundo eles próprios verbalizaram quando aceitaram participar no estudo e depois na entrevista presencial, por ser uma aplicação que todos já tinham previamente instalada no seu smartphone. Esta constatação vai ao encontro de estudos anteriores, que veem nesta uma aplicação de uso intuitivo, fácil e gratuito, quer para os entrevistados quer para o entrevistador (Kumar & Sharma, 2017; Rosenfeld et al., 2018).

O facto de os participantes poderem realizar as fotografias das refeições desde a própria aplicação do WhatsApp – com recurso à câmara do smartphone – fez com que fosse muito prática a partilha das imagens solicitadas no estudo, assim como da informação descritiva e contextual associada às imagens das refeições.

A expectativa das entrevistadoras por quanto ao envio dos dados através do WhatsApp era boa devido a aceitação desta ferramenta por parte dos sujeitos da amostra e pelo conhecimento de ser uma ferramenta muito usada nos jovens.

Também e segundo verbalizavam os sujeitos da amostra no início do estudo, eles esperavam responder de forma positiva e ir enviando os dados pelo WhatsApp de forma fácil e rápida.

Ainda assim, foram observadas diferenças no momento e forma de envio dos dados: enquanto um dos sujeitos preferiu ir guardando no seu aplicativo móvel as fotografias das refeições e só enviar ao entrevistador ao fim de uma semana, de uma única vez, o conjunto das fotografias com a informação textual; nove foram enviando as imagens das refeições e o texto assim que as realizavam, isto é, duas vezes ao dia, durante uma semana. Houve também um terceiro grupo da amostra composto por cinco sujeitos que enviou as fotografias ao fim de cada dia da semana, e um último grupo de seis sujeitos que foi variando a forma de envio dia após dia, de maneira que havia dias em que enviava a fotografia assim que tinha tomado a refeição, e havia outros em que não enviava qualquer material, fazendo-o por exemplo no dia seguinte. Inclusive, houve algumas fotografias que foram enviadas quando a refeição estava já no final, e o prato quase vazio, justamente porque o sujeito tinha esquecido de partilhar a fotografia no início da refeição, isto é, ainda com o prato “intacto”. Estas diferenças levam-nos a pensar em vários aspectos da metodologia escolhida, assim como das características pessoais de cada sujeito da amostra, na medida em que previamente foi discutida e acordada a forma e o momento da partilha entre entrevistador e entrevistado. No entanto, como a entrevistadora deu liberdade de escolha aos entrevistados no momento de partilhar a informação e a imagem, isto pode constituir um elemento limitador do estudo enquanto ao detrimento da análise qualitativa da ferramenta do WhatsApp não devida propriamente à ferramenta e sim aos tempos de partilha dos dados.

Relativamente à conexão à rede, esta não era sempre igual, nem sempre boa, já que segundo os próprios sujeitos da amostra informavam, nem sempre havia disponível uma rede WiFi e, por outro lado, nem todos os sujeitos tinham dados móveis no telemóvel, ou preferiam não os usar para não os gastar. De facto, os nove sujeitos que enviavam a imagem da refeição logo que tiravam fotografia tinham dados no telemóvel. Os cinco sujeitos que mandavam as fotografias no final do dia eram aqueles que não tinham dados no telemóvel mas sim acesso a wifi no domicílio, sendo o final do dia o momento certo em que se encontravam em casa para o envio dos dados por WhatsApp ao entrevistador. O sujeito que aguardou para enviar tudo ao fim da semana não tinha acesso a wifi nem dados móveis na residência própria, mas aguardou ir a casa dos pais, para aproveitar a rede wifi deles, da qual costumava fazer uso frequente, para enviar os dados de uma só vez. Por quanto aos seis sujeitos que foram variando o momento de partilha de dados, eles referiam ter wifi em casa e dados móveis no telemóvel, mas não queriam fazer uso constante deles (dois sujeitos) ou não ter umas rotinas fixas que permitissem enviar os dados sempre na mesma hora (quatro sujeitos). Outras vezes os sujeitos tinham pouca ou nenhuma bateria no telemóvel e não conseguiam carregá-lo no momento da refeição, por não terem carregador consigo ou fonte de energia próxima, de forma que preferiam fazer a fotografia mas partilhá-la somente quando conseguissem carregar o telemóvel ou usar o aplicativo de algum amigo ou conhecido perto que lhes pudesse enviar a fotografia. Por esta razão, muitos dos sujeitos preferiam enviar os dados ao final do dia, justamente porque esse era o momento em que se encontravam em casa com rede WiFi.

Por outro lado, quem preferiu ir guardando as imagens e enviar só ao fim de uma semana verbalizou que fazia parte da sua personalidade ir compondo o diário como foi pedido inicialmente no estudo, de forma a partilhar uma informação “bem-apresentada”, quer das imagens quer da informação textual. Por outro lado, ao fazerem isso garantiam

também um espaço de tempo e um lugar onde podiam reflectir melhor sobre o material partilhado (e.g. imagens e texto), enviando apenas aquele com o qual se sentiam mais identificados.

Por último, os sujeitos que preferiram ir enviando as imagens das refeições à medida que as realizavam expressaram que o faziam assim porque evitavam ter que perder o tempo arrumando informação, e porque podiam ir eliminando as fotografias assim que as partilhavam para dispor de mais espaço para outros usos no seu aplicativo.

Uma questão importante de assinalar é que o WhatsApp não dispõe de alarmes recordatórios que pudessem ter sido utilizados de forma sistemática para lembrar os sujeitos antes de cada refeição, de modo que não se esquecessem de realizar a fotografia ou de enviar posteriormente a imagem à entrevistadora. Isto fazia com que muitas vezes coubesse à entrevistadora tarefa de lembrar a cada dia ou cada refeição os sujeitos da necessidade de enviar estes dados ou de ir organizando os mesmos para os partilhar no final do dia, de modo a não perder essa informação. Esta circunstância fazia com que entrevistadora e entrevistados ficassem por vezes tensos, perdendo-se assim a espontaneidade da partilha. Por outro lado, nem sempre a entrevistadora se lembrou ou conseguiu, devido aos seus horários pessoais e compromissos profissionais, atuar como recordatória para tal fim.

Outro ponto a assinalar é que depois desta recolha de dados através do WhatsApp para elaborar os diários de alimentação foi também realizada uma entrevista aprofundada. Nessa entrevista foram discutidos os aspectos de uma das refeições escolhidas pelos entrevistados e identificada por eles como quotidiana ou habitual. Esta entrevista serviria de base a um questionamento aprofundado e sistemático sobre outros aspectos relacionados com as práticas alimentares, nomeadamente os contextos e significados associados. Neste sentido, foi comparada a descrição obtida pelo WhatsApp com a descrição das imagens das refeições obtidas durante a entrevista presencial, sendo que a descrição textual partilhada por WhatsApp era muito mais breve em quanto ao número de palavras e menos rica do ponto de vista qualitativa quando comparada com a descrição obtida na entrevista presencial, onde os sujeitos usavam mais adjectivos e partilhavam mais informação contextual do momento, lugar e pessoas com quem se encontravam no momento da refeição, assim como informação relativa ao processo de confecção ou obtenção da refeição e as emoções geradas por ela.

A geração millennial é mediada pela tecnologia e pelas redes sociais (Zemke, 2013), que a empregam para a vida académica, profissional e pessoal, trabalhando em multitarefa (Piscitelli, 2009) e atuando como produtores e consumidores ao mesmo tempo de conteúdo em redes sociais (Urresti, 2008). Os millennials da amostra estudada tinham um nível de literacia elevado, com estudos superiores, facto que ajudou sobremaneira no conhecimento do uso e domínio das tecnologias. Por outro lado, os sujeitos tinham um nível socioeconómico globalmente bom. Como resultado, a amostra dispunha de smartphones e dados móveis, favorecendo mais uma vez o uso do WhatsApp como ferramenta metodológica.

Aquando do recrutamento, a cada sujeito foi explicado em que iria consistir o estudo, tendo-lhe sido garantido o anonimato, respeito e confidencialidade dos dados, e pedindo expressamente o consentimento informado verbal, quer para participar no estudo, quer para gravar as entrevistas, quer ainda para divulgar os resultados com fins científicos. Da mesma forma, foi sempre esclarecido que podiam abandonar o estudo em qualquer momento e que a participação era voluntária e não pagada.

Todos os sujeitos aceitaram participar no estudo e sentiram-se seguros e confortáveis com o uso de WhatsApp para partilhar a informação segundo estes verbalizaram de forma espontânea (cinco sujeitos) ou quando questionados pela entrevistadora de forma intencional na entrevista presencial (17 sujeitos). A entrevistadora, por sua vez, uma vez guardada a informação do estudo num documento word no computador pessoal e no software de análise NVIVO, eliminou a informação partilhada no WhatsApp. Nenhum dos sujeitos da amostra questionou posteriormente as investigadoras sobre o armazenamento posterior dos dados, tão pouco sobre a divulgação de resultados.

5. Conclusões

Globalmente, podemos concluir que o recurso ao WhatsApp traz vantagens para a investigação científica, particularmente na fase de recolha de dados. Ainda assim, existem aspetos logísticos e de planeamento que podem dificultar a recolha de dados, desde logo, a necessidade de energia elétrica para carregar os telemóveis, bateria nos mesmos ou disponibilidade de rede de internet.

O facto de o recurso ao WhatsApp ter sido bem acolhido pelos entrevistados na sua relação com a entrevistadora e com a investigação justifica-se em parte pelo facto de os millennials serem descritos como uma população “digital”. Deste modo, suspeitávamos que conhecessem esta aplicação e que o facto de lhes ser familiar e de uso quotidiano permitisse uma partilha de dados fácil e rápida.

Este método pode ser útil para chegar ao público jovem devido à flexibilidade, conveniência e portabilidade da tecnologia, aliada à familiaridade da plataforma WhatsApp nestas gerações.

Quanto ao momento de envio dos dados, podemos concluir que as diferenças foram devidas a 3 aspectos principais: por um lado, factores externos, como a conexão à rede e a bateria do smartphone; por outro, a factores internos, como a personalidade do entrevistado ser mais impulsiva, dependente ou perfeccionista, cuidadosa ou responsável; e, por último, a factores tecnológicos, como o facto do WhatsApp não dispor de alarmes recordatórios para que os sujeitos não se esquecessem de partilhar os dados, assim como da flexibilidade do estudo, que permitiu aos sujeitos ir enviando os dados conforme as suas possibilidades, a fim de facilitar a participação no estudo.

Além disso, esta metodologia pode não ser favorável a todas as categorias demográficas, já que requer que as populações-alvo tenham certo nível de alfabetização, assim como conhecimento e uso das tecnologias, e também um certo nível económico, que permita ter acesso smartphones e dados móveis. O WhatsApp pode ser uma opção mais económica em algumas circunstâncias, uma vez que permite aos investigadores recolher dados de forma contínua, sem custos adicionais. Por fim, este estudo permite também concluir que o WhatsApp garante o anonimato e confidencialidade dos dados, sendo um método pelo qual os jovens verbalizam sentir-se confortáveis na hora de partilhar informação pessoal.

Em suma, a plataforma WhatsApp pode ser vantajosa na hora de abordar tópicos sensíveis ou quando trabalhamos com populações estigmatizadas ou preocupadas com uma participação mais visível, como acontece com as entrevistas em profundidade, já que permite eliminar a informação partilhada, quer pelo emissor quer pelo receptor. Como a tecnologia está constantemente a ser aplicada de uma nova forma para fins de investigação científica, é importante que sejam estabelecidas directrizes éticas sobre o recrutamento, segurança e privacidade dos dados.

6. Referências

- APS: Código Deontológico. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. (2019). <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/> Last accessed 2019/06/20.
- Bazeley, P., & Jackson, K. (2013). *Qualitative Data Analysis with NVivo*. 2nd ed. Sage Publications, Los Angeles
- Bhatt, A., & Arshad, M. (2016). Impact of WhatsApp on youth: A Sociological Study. *IRA-International Journal of Management & Social Sciences*, 4(2), 376-386. doi: 10.21013/jmss.v4.n2.p7
- Beasley, L., Hackett, A. & Maxwell, S. (2004). The dietary and health behaviour of young people aged 18-25 years living independently or in the family home in Liverpool, UK. *International Journal of Consumer Studies*, 28(4), 355-363. doi: 10.1111/j.1470- 6431.2004.00394.x
- Bryman, A. (2008). *Social research methods*. Oxford: Oxford University Press.

- Chatzitheochari, S., Fisher, K., Gilbert, E., Calderwood, L., Huskinson, T., Cleary, A., & Gershuny, J. (2018). Using New Technologies for Time Diary Data Collection: Instrument Design and Data Quality Findings from a Mixed-Mode Pilot Survey. *Social Indicators Research*, 137(1), 379-390. doi: 10.1007/s11205-017-1569-5
- Chen, J. & Neo, P. (2019). *Texting the waters: An assessment of focus groups conducted via the WhatsApp smartphone messaging application*. Method Innov. SAGE Publications; 12(3).
- Cinalli, M. & Giugni, M. (2013). New challenges for the welfare state: The emergence of youth unemployment regimes in Europe? *International Journal of Social Welfare* 22, 290–299. doi:10.1111/ijsw.12016
- Copstake J, Theuss M, Brownie S, et al. (2020). *Recently graduated midwives in Uganda: Self-perceived achievement, wellbeing and work prospects*. Churchill Livingstone: Midwifery 82: 102596.
- Costa, R. (2019). iPhone, iResearch. Exploring the use of smart phones in the teaching and learning of visual qualitative methodologies. *Journal of Visual Literacy*, 38(1-2), 153-162. doi: 10.1080/1051144X.2019.1567073
- Creswell, J. (2018). *Research design. Qualitative, quantitative, and mixed methods Approaches*. Los Angeles: Sage Publications.
- Denscombe, M. (1998). *The good research guide for small-scale social research projects*. Buckingham: Open University Press.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2018). *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Los Angeles: Sage Publications.
- DESI: Digital Economy and Society Index Report 2019. Brussel: European Commission. (2019). <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/desi> Last accessed 2019/02/18.
- Fardousi, N., Douedari, Y., & Howard, N. (2019). Healthcare under siege: A qualitative study of health-worker responses to targeting and besiegement in Syria. *BMJ Open. BMJ Publishing Group*, 9(9): e029651.
- Garcia, B., Welford, J., & Smith, B. (2016). Using a smartphone 'app' in qualitative research: the good, the bad and the ugly. *Qualitative Research*, 16(5), 508-525. doi: 10.1177/1468794115593335
- Haddon, L. (2015). Social Media and Youth. Robin Mansell and Peng Hwa Ang (Eds.). *The International Encyclopedia of Digital Communication and Society*, 1-9.
- ISA: Code of Ethics of the International Sociological Association. (2019) Madrid: ISA. http://www.isa-sociology.org/about/isa_code_of_ethics.htm Last accessed 2019/02/18.
- Jurgenson, N. (2019). *The social photo: On photography and social media* hardcover. Londres: Bloomsbury.
- Kara, H. (2015). *Creative research methods in the social sciences. A practical guide*. Bristol: Polity Press.
- Krippendorff, K. (2019). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. Los Angeles: Sage Publications.
- Kumar, N. & Sharma, S. (2017). Survey Analysis on the usage and Impact of Whatsapp Messenger. *Global Journal of Enterprise Information System*, 8(3).
- Mannheim, K. (1952). *Essays on the sociology of knowledge*. Oxford: Oxford University Press,
- Mason, J.: (2002). *Qualitative researching*. London: Sage Publications.
- Mastrolia, S. & Willits, S.: Millennials. (2013). What Do We Really Know About Them? *Advances in Accounting Education: Teaching and Curriculum Innovations*, 14, 45-72. doi: 10.1108/S1085-4622(2013)0000014009
- Miles, M.B., Huberman, M. & Saldaña, J. (2014). *Qualitative data analysis: A methods Sourcebook*. Los Angeles: Sage Publications.
- Pires, Á. (1997). Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique. In: Poupart, J.D., Deslauriers, J.P., Groulx, L.H., Laperriere, A., Mayer, R., Pires. (1997). *Enjeux Épistémologiques et Méthodologiques*, 113-167. Montreal.

- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6. doi: 10.1108/107481201110424816
- Piscitelli, A. (2009). *Nativos digitais*. Buenos Aires: Santillana.
- Rose, G. (2001). *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. London: Sage Publications.
- Rosenfeld, A, Sina, S., & Sarne, D., et al. (2018). WhatsApp usage patterns and prediction of demographic characteristics without access to message content. *Demographic Research*, 39(22): 647–670.
- Sogari, G., Vélez-Argumedo, C., Gómez, M.I. & Mora, C. (2018). College Students and Eating Habits: A Study Using an Ecological Model for Healthy Behavior. *Nutrients*, 10(12), 1823. doi: 10.3390/nu10121823
- Urresti, M. (2008). Ciberculturas juveniles: vida cotidiana, subjetividad y pertenencia entre los jóvenes ante el impacto de las nuevas tecnologías de la comunicación y la información. In: Urres-ti, M. (2008). *Ciberculturas juveniles*. Buenos Aires: La Crujía, pp. 13-66.
- Zemke, R., Raines, C., & Filipczak, B. (2013). *Generations at work: Managing the clash of Boomers, Gen Xers, and Gen Yers in the workplace*. New York: AMACOM.